

O DIÁLOGO SOCRÁTICO “ABERTO”

E SUA TEMPORADA MÁGICA

THE “OPEN” SOCRATIC DIALOGUE AND THE MAGIC OF ITS HEYDAY

LIVIO ROSSETTI*

Resumo: Este artigo oferecerá um panorama, e algumas conjecturas, quanto à provável força coletiva das transformações da cena filosófica que tiveram lugar em Atenas logo em seguida ao julgamento e morte de Sócrates. Argumentar-se-á que a nova maneira de fazer filosofia, inventada pelos Socráticos, era de fato antípoda da oferta tradicional de doutrinas e teorias abertamente endossadas pelos autores, e que deve portanto ser cuidadosamente distinguida pelos diálogos onde os corpos doutrinários são abertamente professados. Por causa da invenção do diálogo socrático “aberto”, a comunidade filosófica de Atenas muito plausivelmente experimentou uma “revolução de veludo”, especialmente durante os anos cruciais em que se formava a identidade de Platão como escritor e pensador.

Palavras-chave: Sócrates; Atenas; Platão; diálogo.

Abstract: This paper will offer an overview of, and some conjectures upon, the probable collective force of the transformations of the philosophical scene that took place in Athens soon after Socrates' trial and death. It will be argued that the new way of doing philosophy, devised by the Socratics, was in fact antipodal to the traditional offerings of doctrines and theories openly endorsed by existing authors, and is therefore to be carefully distinguished from the dialogues where new bodies of doctrine happen to be openly professed. Because of the invention of the "open" Socratic dialogue, the philosophical community of Athens very likely underwent a first-order "velvet revolution", especially during the crucial years when Plato's identity as a writer and thinker was being set in place.

Key-words: Socrates; Athenas; Plato; Dialogue.

Os leitores podem ter alguma dificuldade inicial em identificar uma tal (suposta) “revolução de veludo” (como está indicado no resumo acima), já que isto não faz parte do relato tradicional do que aconteceu logo após a morte de Sócrates, ou dos efeitos que a rapidamente crescente literatura socrática de então pôde ter tido sobre a comunidade filosófica contempo-

* Livio Rossetti é professor da Universidade de Perugia, Itália. E-mail: Rossetti@unipg.it

rânea. Assim, tentemos formar uma idéia do contexto em que o nome de Platão se elevou a tal eminência. Não fazer é certamente arriscado, já que bem poderia abrir caminho para uma idéia tendenciosa – talvez seriamente tendenciosa – do impacto que os “herdeiros” de Sócrates podem ter tido sobre a comunidade filosófica (e, de modo mais geral, sobre a comunidade letrada) de Atenas quando começaram a inundá-la com seus diálogos.

Assim, meu primeiro ponto será que temos acesso a evidência que nos ajudará a montar um quadro realista do impacto que tiveram os socráticos sobre Atenas no começo de sua atividade literária e filosófica. E meu segundo ponto será que levar em conta o todo, de que Platão era tão eminentemente uma parte, pode afetar de modo significativo o quadro do que pode ter acontecido quando os socráticos começaram a dedicar suas melhores energias como autores de grupos inteiros de *Sokratikoi lógoi*.

UMA HISTÓRIA DE SUCESSO. ALGUNS DADOS BÁSICOS SOBRE A LITERATURA SOCRÁTICA NOS DIAS DE PLATÃO

Permitam-me começar oferecendo algumas informações básicas sobre evidências frequentemente esquecidas sobre o assunto, e alguns dados relativamente incontroversos sobre o quão impressionante a irrupção dos socráticos na cena filosófica grega pode ter sido, após o que proferirei alguns argumentos em suporte às minhas afirmações.¹

I. Durante a primeira metade do século quarto, o grupo de socráticos que esteve envolvido na invenção e utilização do assim chamado diálogo socrático, composto por algo como de doze a quinze pessoas,² foi autor de mais de “duzentos” trabalhos, divididos em um número ainda maior de livros. Seus escritos têm a probabilidade de ter incluído não menos (ou mais) do que “trezentos” diálogos socráticos (incluindo um número de unidades dialógicas curtas ou muito curtas).

II. Enquanto que a maior parte dos filósofos pré-socráticos compôs apenas tratados (de tamanho padrão), tratados mais curtos (panfletos), ou poemas-tratados, a maioria dos socráticos abandonou a forma de tratado em favor do diálogo, ao menos durante o primeiro período de sua atividade literária, apesar de alguns poucos terem, posteriormente, retornado à escrita

¹ As páginas 23-27 de ROSSETTI, 2004, serviram de esboço para as páginas de abertura do presente artigo.

² Para um *catalogue raisonné*, ver ROSSETTI, 2005, 53-56.

de tratados. Assim, uma brusca descontinuidade no fluxo de tratados filosóficos é possível de ter ocorrido devido ao sucesso da forma de diálogo.

III. Considerando que para a maior parte dos filósofos pré-socráticos era uma prática comum fazer reinvidicações explícitas em seus livros, e argumentar pela plausibilidade dessas reinvidicações, em muitos diálogos socráticos – não somente nos diálogos aporéticos de Platão, mas também, por exemplo, em seu *Parmênides* – não havia um *demonstrandum* bem estabelecido pelo qual o autor estivesse ansioso por argumentar da maneira mais convincente possível. Em clara descontinuidade com os padrões de erudição comumente aceitos durante o século quinto, esses autores geralmente ficavam contentes em deixar abertas as questões que os seus livros tratavam, e frequentemente falhavam em chegar, ou, ainda, ativamente evitavam chegar a conclusões firmes, explícitas, com argumentos amparados por evidência confiável.

IV. No mesmo período, enquanto os socráticos inundavam Atenas (e, portanto, a Grécia) com seus escritos, e especialmente com seus diálogos socráticos, quase nenhum outro livro – de fato, talvez nenhum outro livro – que se pudesse considerar de caráter filosófico e que se mantivesse *não* afetado pelo socratismo – foi publicado em Atenas ou em qualquer outra parte. Em outras palavras, durante o primeiro quartel do novo século, tornou-se mais e mais inusual (para não dizer mais e mais difícil) ser um filósofo mantendo-se *não* afetado pelo socratismo. Por conseguinte, a filosofia grega nesse período parece ter sido marcada por uma forma singular de descontinuidade com um recente (e glorioso) passado.

V. Segue-se que o aparecimento de uma rica literatura socrática provavelmente teve um efeito profundo sobre a própria noção de filosofia que herdamos desse período.

VI. Se leitores contemporâneos de livros filosóficos chegaram a uma percepção em larga escala de como precisamente era novo esse tipo de estratégia (algo que me parece ter razoável probabilidade), então a “nova era” da filosofia grega (aquela “revolução de veludo” que mencionei acima) foi provavelmente uma característica proeminente das primeiras décadas do século quarto.

Agora, alguns comentários.³ As indicações acima bem podem produzir incredulidade em alguma medida, já que não estamos acostumados a dar

³ Já deve ter se tornado aparente que, neste artigo, tentarei considerar todo um grupo de tópicos inter-relacionados. Dizer algo sobre cada lado do complexo poliedro exige demais para que não se entre numa discussão incompleta da literatura relevante nestas poucas

muita atenção à literatura socrática de autoria dos pupilos diretos de Sócrates como um todo. A suposta desproporção entre Platão e todos os outros escritores de diálogos socráticos estritamente contemporâneos,⁴ reforçada como é por uma desproporção intransponível entre o volume de conhecimento que nos é disponível sobre o primeiro (juntamente com todo trabalho de erudição a ele dedicado) e o que sabemos sobre estes, preveniu fortemente a comunidade de estudiosos de prestar a devida atenção seja ao que Platão pode ter tido em comum com seus colegas, seja a como a disponibilidade de outros diálogos socráticos e o sucesso desse novo gênero literário pode provavelmente ter afetado a constituição de "qualquer" novo diálogo socrático, incluindo sua própria.

O que é frequentemente ignorado sem investigação é o aspecto quantitativo da história, i. é, o número hipotético de títulos, diálogos socráticos e livros que foram compostos pela coletividade que abrange os pupilos diretos de Sócrates. Mas sabemos (a) que Platão e Antístenes escreveram no total cerca de uma centena de obras (consistindo no total em um número muito maior de livros); (b) que a *Memorabilia* de Xenofonte engloba mais de uma dúzia⁵ de diálogos socráticos curtos. Uma vez que nos lembremos disso, não é difícil concluir que os números inferidos acima ao menos não são implausíveis.⁶ E, para os fins da presente investigação, isso será suficiente.

No que concerne a meu segundo ponto, é bem sabido que a maioria dos pré-socráticos e os sofistas em geral escreveram tratados, poemas didáticos e panfletos, e praticamente⁷ nenhuma outra espécie de livro. Ainda mais, que até o fim do século quinto fora prática normal entre filósofos e cientistas

páginas. Além disso, os leitores não ignoram como seria grande o volume de trabalho de erudição a ser levado em consideração de modo a argumentar com mais detalhe sobre cada um desses pontos.

⁴ Se Xenofonte se torna escritor somente após seu retiro em Squílus cerca de três décadas após a morte de Sócrates, ele não pode estar envolvido na criação do gênero literário lado a lado com a maioria dos demais autores.

⁵ Entre nove e vinte e três, nos é indiscutivelmente afirmado em DIÓGENES LAÉRCIO, II, 84 e 121-124.

⁶ Para um levantamento mais detalhado das evidências, ver ROSSETTI, 2005, pp. 56-58.

⁷ Digo praticamente, já que ao menos as *Antilogias* poderiam valer como uma exceção à regra. Como é amplamente conhecido, as *Antilogias* foram compostas por ao menos Protágoras e Antifon, junto com o autor dos *Dissoi lógoi*. Entretanto, as *Tetralogias* de Antifon, apesar de também serem de algum interesse para os filósofos, não concernem à filosofia mas sim à literatura legal da época. No entanto, se essa obra é a única exceção à regra, é seguro assumir que durante o século quinto a adoção da forma de tratado para livros de ciência era praticamente universal.

escrever textos em que enunciavam um ou mais *demonstranda* e expunham algumas teorias, e então sustentá-las com o melhor de suas habilidades, e finalmente alegar ter obtido sucesso em seus esforços. Até mesmo Górgias, nos seus escritos remanescentes, e Antifon, nas suas famosas *Tetralogias*, proclamam sua glória pelas habilidades de oferecer provas aparentemente irresistíveis em prol de seus *demonstranda*. Considerando tudo, é difícil achar exceções a esta regra entre homens de ciência do século quinto.

Comparativamente, os esforços da maior parte dos escritores socráticos eram impressionantemente diferentes. Antístenes, Xenofonte e, talvez, Aristipo compuseram tanto diálogos socráticos quanto outros escritos em prosa sem influência da adoção da forma de diálogo. Em contraste, Ésquines de Sfeto, Fédon, Símon, Críton, Símiás, Cebes, Glauco e Platão,⁸ junto (hipoteticamente) com Euclides de Mégara e Alexamenos de Téos, abandonaram de uma vez por todas a forma de tratado e compuseram apenas diálogos socráticos. Esta última foi uma ocorrência maior e repentina: por um período de tempo – talvez um par de décadas próximo ao início do século quarto – novas idéias em filosofia foram lançadas não por meio de tratados, mas quase inteiramente por meio de diálogos.

Os diálogos aporéticos de Platão, em particular, empenham-se em representar pessoas no ato de ficarem perplexas quando em face de observações inesperadas, acham necessário buscar uma resposta mais apropriada, ou em representar Sócrates no ato de preparar uma nova cilada para seus interlocutores de acordo com o modo como reagiram a um contra-exemplo prévio. Isso equivale a dizer que, por um tempo, Platão e alguns outros escritores socráticos (ou em sua maioria) tentaram retratar pessoas no ato de pensar e, portanto, no ato de adotar ou modificar *impromptu* uma postura teórica.⁹

Além disso, nos diálogos aporéticos de Platão (e alhures!), nenhuma conclusão positiva provém do intercâmbio, e é longe de ser fácil destacar uma lição “definitiva” do diálogo. Nos diálogos aporéticos, ele foi especialmente cuidadoso – e com notável sucesso – em evitar proferir noções e argumentos que pudessem ser basicamente inalteráveis e assim apropriados para que fossem aprendidos. E, algumas vezes, – pensa-se, por exem-

⁸ Temos, é claro, de fazer uma pequena exceção à regra no caso da *Apologia*, das Cartas e dos Epigramas.

⁹ Sabemos que em Xenofonte e também em Ésquino, Sócrates é muito freqüentemente retratado trazendo analogias, comentários e idéias inesperadas, de tal modo que seus interlocutores (*i. a.* Aristipo de Xenofonte, *Eutidemo* de Xenofonte, *Alcibiades* de Ésquino) têm que reconsiderar suas certezas prévias.

plo, na discussão de pontos exegeticos no *Protágoras*, ou no *Eutifron*, ou no *Laches* – Platão ativamente previne seus leitores de formar uma idéia clara do(s) objetivo(s) em direção aos quais ele imperceptivelmente os conduziu.¹⁰ Quando algo desta espécie acontece, o conteúdo afirmativo do diálogo (algo que é ensinado, uma teoria, um *demonstrandum* com argumentos que o sustentam) desaparecem de vista.

Uma vez estabelecido esse novo padrão, um ou mais autores socráticos autorizaram-se a se pretenderem filósofos *optimo jure*, mesmo se seus livros fracassavam em proferir ensinamentos definitivos ou em alegar saber que certos estados de coisas fossem tais e tais. Com efeito, eles bem podem ter alegado ser melhores filósofos do que aqueles comprometidos com o estabelecimento de declarações, crenças e verdades positivas, numa direção totalmente contrária ao que havia sido a regra para toda uma tradição, de Tales aos sofistas.¹¹

Meu quarto ponto, que também pode ser visto com incredulidade, é o seguinte: ao passo que durante as primeiras décadas do novo século os socráticos eram extremamente prolíficos como escritores, é bastante difícil, se não impossível, encontrar obras compostas no mesmo período por outros filósofos gregos. Que informação temos, se houver, de livros escritos nas primeiras décadas do século quarto que preenchem os dois seguintes requerimentos básicos: (a) que sejam (reconhecidos como) obras cujo principal interesse seja filosofia; e (b) que ignorem (ou, no máximo, mostrem apenas interesse marginal em) Sócrates, seu ensinamento e seus seguidores?

Para outros períodos, incluindo o século quinto, é fácil enxergar que os filósofos (*physiologoi* e sofistas) formavam uma comunidade amplamente diversificada. Além do mais, a sociedade ateniense daqueles dias incluía muitos tipos de intelectuais, sem nenhuma hierarquia especial entre eles. Mas para o período marcado pela atividade mais intensa dos socráticos como

¹⁰ Se a correta definição de piedade é determinável ou não no *Eutifro* é um ponto amplamente discutido na literatura. Em meu comentário (ROSSETTI 1995, pp. 170-186), argumentei em detalhe que, próximo ao fim do diálogo, o Sócrates de Platão indiscutivelmente obstrui a busca por uma definição razoável, e esta característica sem dúvida se observa também em outros diálogos aporéticos.

¹¹ Isso sem desconsiderar a lacuna entre a atitude pravalescente na maioria dos *Peri physeos* do século quinto e o alto grau de sofisticação alcançado por Górgias. No entanto, a alegação de oferecer muito boas razões para sustentar a tese de que nada existe, ou de que Helena não foi responsável pela guerra de Tróia, é um traço característico da maior parte das obras gorgianas (e de alguns outros escritos do mesmo período) que conhecemos.

escritores e filósofos, não sabemos de praticamente nenhum filósofo (ou, em todo caso, de nenhum escrito filosófico) genuinamente independente e não afetado pelo Socratismo. Se procuramos filósofos contemporâneos que permaneceram surdos à nova Sereia do Socratismo, podemos talvez mencionar o último Górgias ou o último Demócrito, se bem que eles podem perfeitamente ter composto muitas de suas obras *antes* do começo do século quarto. Ou então poderíamos mencionar Isócrates, um logógrafo e depois professor de retórica, que certamente tinha algum interesse em filosofia. Mas não dedicou nenhuma obra completa à matéria da filosofia, nunca pretendeu seriamente ser um filósofo e não educou uma nova geração de filósofos. Ou ainda poderíamos nos referir ao autor do Papiro de Derveni, que sem dúvida escreve algo do interesse dos filósofos, mas sem merecer (e nem pretender) ser um filósofo. Havia *algum* filósofo grego ativo, próximo ao começo do século quarto, que não fosse socrático?

A única possibilidade é Arquitas de Tarento, que foi sem dúvida um grande matemático, um músico dotado, um escritor de sensibilidade e um político instruído. No entanto, sua contribuição para a filosofia permanece matéria de inferência, baseada em suas relações amistosas com Platão e na notícia de que Aristóteles teria composto “três livros sobre a filosofia de Arquitas” (Dig. Laércio, V, 25 e outras fontes). Assim, sua suposta filosofia deve ser considerada, se tanto, a única exceção à regra: ele eventualmente poderia figurar como o “menos representativo” de tradições que estavam em todo caso desempenhando um papel de evidente decadência na comunidade filosófica da Grécia do século quarto.

A concomitância desses dois eventos – a aparente dissolução de uma nem por isso menos gloriosa tradição, no momento em que um brilhante grupo de *nouveaux philosophes* vem a se afirmar e ocupar o palco – claramente sugere que eles não tiveram lugar independentemente um do outro. E, se considerarmos como Platão era *cool* comparado a seus predecessores,¹² torna-se fácil suspeitar que, face ao novo estilo de filosofar introduzido pelos socráticos, as antigas tradições filosóficas perderam muito de seu apelo.

Meu quinto ponto enfatiza como, se uma maneira bastante nova de fazer filosofia, bem como de ser um filósofo, havia sido um traço da literatura socrática inicial, e se àquele tempo não existia oponente válido a ele (como é bem conhecido, os filósofos ativos na Grécia durante o século quarto eram ex-pupilos de Sócrates, ex-pupilos de Platão ou de algum outro escritor

¹² Esse é um ponto razoavelmente controverso, relativo ao qual veja-se ROSSETTI 2004a. Para uma abordagem diferente, veja-se por exemplo DIXSAUT-BRANCACI, 2002.

socrático, ou ex-pupilos de Aristóteles), isto significa que um espantoso processo de "socratização" da própria noção de filosofia deve ter tido lugar nesse tempo. E exatamente como isso se deu certamente vale investigar.

Finalmente, se os socráticos de fato vieram a ocupar o palco (e suas obras freqüentemente usavam uma forma coloquial de discurso bastante apropriada para a expansão do círculo de leitores potenciais), então leitores contemporâneos de livros filosóficos bem podiam ter consciência de como era nova esta espécie de estratégia de comunicação.

Poderia se objetar que a vida do novo sistema foi muito curta, já que Antístenes logo começou a escrever tratados, e que o próprio Platão parece ao menos em parte ter abandonado esse modo de comunicação em favor de diálogos (não somente no *Timeu* e nas *Leis*, mas também no *Fédon*) em que um locutor principal tem a expor uma doutrina própria. Mas esta é uma questão muito complicada, que não pode ser tratada aqui em apenas algumas linhas. Seja apenas enfatizado que, não importa se olhamos sejam os diálogos aporéticos de Platão, sejam os diálogos maduros posteriores, seria impossível não notar sua descontinuidade com outros tratados eruditos do século quinto e, mais amplamente, com as maneiras então conhecidas de filosofar e de ser um filósofo.

Nestas bases, não deveríamos falar em uma nova e singular época literária e filosófica, e em um singular período de suprema criatividade? A nova maneira de fazer filosofia bem pode ter atingido, nesse tempo, tanto um alto grau de sofisticação por parte de seus protagonistas, os socráticos, quanto um alto grau de visibilidade aos olhos dos leitores contemporâneos. Suas inovações podem muito bem ter dado a impressão da chegada de uma "nova era" para uma já gloriosa tradição filosófica grega.

O momento mágico pode ter sido em torno dos anos 395-385 a. C., quando os socráticos rapidamente se tornaram os *nouveaux philosophes* de seu tempo e a criatividade intelectual de alguns deles alcançou um maravilhoso clímax. Muito possivelmente foi criada uma lacuna espetacular entre a maneira nova e a antiga de fazer filosofia, de ser um filósofo, e especialmente de compor textos filosóficos, uma lacuna grande o suficiente para deixar a impressão de uma descontinuidade intransponível com relação ao passado. Com efeito, em poucos outros períodos da filosofia ocidental uma determinação de diluir, senão de totalmente dissolver a diferença entre filosofia e literatura, atingiu um nível comparável (uma determinação, deve se acrescentar, que foi reforçada por certa medida de anti-academicismo, um desejo de alcançar uma comunidade de leitores maior e menos especializada e uma preferência pelo desafio intelectual). Em poucas outras épocas a

impressão de viver em meio a uma evolução irreversível nos modos de fazer filosofia (mesmo que não, talvez, de fazer ciência) foi tão amplamente partilhada, ainda que somente por curtos períodos de tempo. Com efeito, parece razoável assumir que a novidade do diálogo socrático foi largamente percebida, tanto por autores quanto por leitores, como algo bruscamente descontínuo com modos já conhecidos de fazer filosofia.

COMO O CONTEXTO NOS AJUDA A FORMAR UMA IMAGEM DIFERENTE

Muito mais poderia (e deveria) ser dito sobre cada um dos pontos ora discutidos, é claro, mas o esboço prévio mostra acima de dúvidas como os socráticos foram bem sucedidos (com alguma sorte) em provocar e levar adiante uma poderosíssima “revolução de veludo”. E esses socráticos foram um grupo bem identificado de intelectuais e escritores (nem todos poderiam ser chamados de “filósofos”), além simplesmente de Platão. Esse é o ponto principal que eu quero defender. Sob muitas facetas dessa história sofremos de uma dramática falta de informação, e muitas áreas permanecem obscuras ou controversas, mas parece haver pouco espaço para dúvida quanto ao impacto do novo gênero literário, do *lógos sokrátikos*, sobre a comunidade letrada de Atenas e, provavelmente, da Grécia como um todo.

Com efeito, enxergar simplesmente essa literatura peculiar pelo ângulo de observação das pessoas pensantes (ou dos pretendentes a filósofos do período) que tinham acesso a uma generosa amostra dos novos textos publicados por filósofos contemporâneos, é perceber imediatamente a descontinuidade espetacular que eles devem ter visto entre os novos escritos filosóficos dos socráticos e a literatura filosófica composta durante o século quinto, especialmente no que diz respeito à quantidade de produção escrita.

De modo inverso, se nos concentramos exclusivamente em Platão, como é de costume, a imagem que esboçamos simplesmente desaparece. Esquecendo que Platão, mesmo que de longe o maior entre os socráticos, não estava sozinho, perdemos nosso tempo especulando – freqüentemente em vão – sobre a continuidade/descontinuidade de seu pensamento, ou sobre a fidelidade/infidelidade do pupilo com relação ao mestre, ou se certo diálogo é “anterior” ou “posterior”, ou sobre a suposta “unidade” subterrânea dos diálogos a despeito de uma quantidade de óbvias diferenças entre eles, e assim por diante. Mas, dessa forma, o movimento literário e

filosófico como um todo escapa imperceptivelmente do campo de visão, como sendo algo sem relevância. Além disso, é demasiado fácil persuadirmos de que é tão difícil, enquanto estudiosos de Platão, encontrar uma trilha no tremendo emaranhado de suas obras e idéias, que é quase impossível considerar quaisquer outros socráticos, ainda que estejamos predispostos a reconhecer que assim deveríamos fazer. Há argumento mais eficaz do que este para dissuadir os estudiosos de se lembrarem da importância do contexto?

Graças a essa reação automática, nasceu uma infeliz subclasse que consiste nos “outros” socráticos (isto é “menores”), e nos tornamos em consequência dramaticamente inaptos a prestar a devida atenção a eles e a seus escritos, como muitos estudiosos contemporâneos¹³ têm mostrado de modo mais e mais convincente. Não é surpresa que a visão de uma única enorme baleia (ou, se preferirem, de um único enorme tubarão) nos faça perder de vista outros peixes do mar, a ponto de deixá-los praticamente sem identificação.

Outra falha, que ocorre sempre que perdemos de vista o grupo em sua totalidade, vincula-se à possibilidade de analisar o problema da fidelidade/infidelidade desses escritores ao Sócrates real, o qual tiveram o privilégio de conhecer e de a ele se associarem. Pois, se consideramos o número notável de novos diálogos compostos pelos diversos socráticos ano após ano, e isso em um período de no mínimo um par de décadas, torna-se fácil adivinhar como deve ter sido importante, por um período razoavelmente longo e para “todo” autor desse grupo, dar forma a novas e novas histórias, em inéditas ambientações e com diferentes interlocutores, mas com o próprio Sócrates claramente reconhecível como basicamente o “mesmo” Sócrates que o Sócrates de outros diálogos, isto é, como um personagem que se comporta aproximadamente da mesma maneira aqui como ali. Com efeito, oferecer um retrato do “mesmo” Sócrates bem podia valer como um traço da autenticidade de uma obra, e portanto de seu valor, e assim garantia uma resposta favorável por parte do público. De outro lado, se o sucesso sob esse aspecto estimulou os socráticos a compor tantos diálogos socráticos, é razoável esperar que a maioria desses diálogos tivesse por objetivo ser reconhecidamente do mesmo tipo que aqueles que já haviam alcançado notó-

¹³ Pode ser suficiente mencionar os trabalhos de estudiosos como NARCY, Michel, MORRISON, Donald e DORION, Louis-André, e ainda a conferência Xénophon et Socrate. Aix-en-Provence, 11/2003 (no prelo), e a conferência Letteratura Socratica Antica. Senigallia, 2/2005 (no prelo).

rio sucesso; daí sua tendência a retratar Sócrates de maneira substancialmente reconhecível. Além disso, quando os socráticos começaram a escrever esses *lógoi*, eles estavam, sem dúvida, engajados numa tentativa bastante séria de reabilitar a reputação de um homem amado e de defender a reputação (e o futuro) da maneira socrática de filosofar e, por meio disso, oferecer um futuro (e assim um certo prestígio e um papel na sociedade) a si mesmos como os “novos filósofos”.

Portanto, em alguma medida, próximo ao começo de sua aventura como escritores, os socráticos podem bem ter se esforçado em oferecer um retrato de Sócrates-como-pessoa-viva-agindo-como-costumava-agir, e tal retrato bem poderia nos ser de valor informativo. Devo também lembrá-los de que os diálogos socráticos costumavam levar leitores do século quarto a interagir com a escrita de maneiras bastante inusuais: leitores dos diálogos aporéticos de Platão – e de muitos outros *sokratikoi lógoi* – deveriam, entre outras coisas, decidir, passo a passo, quem está certo e se Sócrates é justo com seu interlocutor; tentar imaginar como a interação de alguém com Sócrates vai se desenvolver; experimentar (ao invés de observar) mudanças na identificação emocional;¹⁴ e imaginar qual deve ser a lição do diálogo... Tudo isso bem pode ter sido suficiente para fazer a leitura de diálogos socráticos bastante contagiante!

Tal dinâmica claramente prevaleceu durante algum tempo (por um par de décadas?), quando então um sentimento de saturação com relação ao Sócrates “ortodoxo” bem pode ter começado a se manifestar. Certamente Platão, mas provavelmente também outros socráticos (e, definitivamente, Antístenes), depois de terem composto muitos diálogos socráticos “típicos”, sentiram-se muito mais livres para desviarem-se do Sócrates “padrão” do primeiro período, e essa dinâmica explica por que, em vários dos diálogos de Platão, Sócrates passa a não ser mais reconhecível. Assim, tentativas de distinguir entre diálogos anteriores e posteriores não devem ser tomadas como uma tarefa de Sísifo, já que é bastante razoável reconhecer, primeiro, que há diálogos em que Sócrates “comporta-se como Sócrates” (e este Sócrates é reconhecível como basicamente a mesma pessoa que ainda vemos em ação em muitos outros diálogos, longos, curtos e em anedotas) e, em segundo lugar, que em diálogos onde Sócrates é ostensivamente o pro-

¹⁴ Especialmente no caso de diálogos aporéticos, os leitores freqüentemente tendem a se sentirem simpáticos ao interlocutor no início, mas então inevitavelmente passam a se sentir mais e mais na mesma freqüência de Sócrates.

ponente de doutrinas específicas, que quase certamente refletem as idéias do autor do diálogo, ele então não mais está “se comportando como Sócrates”.

De fato, é constante encontramos um personagem chamado “Sócrates” que, ao invés de se comportar, falando amplamente, como um questionador, comporta-se, ao invés disso, como um professor que já tem a expor muitas teorias próprias bem-estruturadas (como, por exemplo, em porções substanciais do *Fédon* de Platão); ou como um professor que quer ser seguido por um interlocutor bastante disciplinado que não ousa ter idéias próprias, mas que simplesmente tenta entendê-lo passo por passo (como, por exemplo, na *República* de Platão, com exceção do Livro I); ou como alguém que está silenciosamente contente¹⁵ em aprender um bom tanto de seu interlocutor (como no *Oeconomicus* de Xenofonte); ou como alguém bastante consciente das habilidades necessárias para ser um *hipparchos* proficiente (como em *Mem.* III 3); ou como alguém que sabe como os pintores revelam emoções e *éthos* através de figurações, e como os escultores retratam o corpo humano como se estivesse vivo (como em *Mem.* III 10.1-8). “Este” Sócrates, certamente, tem muito pouco em comum com o Sócrates de reconhecimento comum e, o que é mais importante, não deveria ser confundido com aquele filósofo.¹⁶

É fácil demais presumir que diálogos do segundo tipo foram escritos quando não era mais uma prioridade oferecer o retrato mais fiel de Sócrates tal qual realmente existira. E já que é bastante fácil ver onde, quando (e até que ponto) Sócrates se torna o proponente de doutrinas específicas, que ele não está mais “se comportando como Sócrates”, podemos assumir com segurança que os socráticos estavam de acordo em que o Sócrates que se comportava de uma certa maneira reconhecível era um Sócrates próximo ou bastante próximo do original e, reciprocamente, que não faziam uma alegação séria de aderir ao original quando ousavam transformá-lo no simples proponente de doutrinas específicas.¹⁷

¹⁵ Quero dizer: longe de meramente parecer apreciar o que o interlocutor tem a dizer (como, digamos, no *Eutifron* de Platão: cf. 6c8-9), Sócrates aqui sinceramente aceita aprender, i. é, participar da transferência de peças prontas de conhecimento de seu interlocutor para si mesmo.

¹⁶ Mais sobre esse ponto em ROSSETTI, 2004 b.

¹⁷ É pena não poder discutir este – e outros – tópicos com mais vagar. Este artigo tinha a intenção, na verdade, de explorar um grupo razoavelmente complexo de temas estritamente inter-relacionados, ao mesmo tempo adiando o levantamento erudito de cada um deles para uma ocasião posterior.

Estas conjecturas nos ajudam a identificar outra mudança importante que ocorreu algum tempo (algumas décadas, de fato) após o nascimento do fenômeno literário e filosófico chamado *sokratikoi logoi*. Em um tempo em que a nova fórmula havia deixado de ser novidade, Platão e outros autores podem ter sentido uma inclinação a introduzir mais doutrinas, teorias, *doxai* e ensinamentos explícitos em seus diálogos socráticos. É claro que não sabemos exatamente como e quando as coisas mudaram, mas é ao menos plausível que Platão tenha abandonado o molde aporético de seus diálogos em favor de uma nova fórmula em que, falando amplamente, há um mestre e há algo sendo ensinado. Assim fazendo, ele inventou um novo tipo de diálogo, que teve por objetivo garantir espaço amplo para ensinamentos positivos por parte do locutor principal, e estava provavelmente contente em aceitar a entrada de toda uma nova série de filosofemas em seus diálogos. Mesmo nesses diálogos “doutrinários”, Platão frequentemente mostra interesse em apontar como certas questões cruciais não devem ser tomadas como tendo sido definitivamente fixadas.

Observe-se, por exemplo, como frequentemente há uma desproporção entre o corpo doutrinário principal de um dado diálogo e sua conclusão explícita, tal que deixa ainda aberta a questão com relação a importantes pontos de vista (veja-se o *Fédon*, o *Eutidemo*, o *Crátilo*, a *República*, o *Teeteto*, o *Parmênides* e outros diálogos).¹⁸ No entanto, estes permanecem diálogos doutrinários já que seu locutor central normalmente professa “já ter” desenvolvido algumas idéias, alcançado algum conhecimento, estar convencido de algo quando chega para partilhá-las com seus interlocutores e, de outro lado, quase todos nesses diálogos evitam fazer declarações, definições ou objeções *impromptu*.

Assim, seja quais forem os detalhes da história, podemos concluir que houve “primeiro” um período de entusiasmo pela forma do diálogo e uma nova maneira de filosofar, e “então” um novo período marcado pela preferência por diálogos que incorporam um corpo todo de doutrinas, teorias e *doxai* como uma parte importante deles. Desse modo, as doutrinas mais uma vez começaram a formar o “conteúdo” de diálogos bem como de tratados

¹⁸ Essas declarações certamente deveriam ser qualificadas, e isto não pode ser feito aqui. É suficiente notar que, quanto à *República*, a desproporção entre o mito final e os principais *demonstranda* do diálogo têm sido tratada convincentemente (ainda que de modo incompleto) no paródico Livro XI da *República* recentemente composto por Mario Vegetti (VEGETTI 2004).

filosóficos enquanto tais (isto é, ocupando, por assim dizer, o campo semântico de “filosofia”).¹⁹ Nenhuma das inovações provou-se absorvível pela outra. Que poderosa oscilação entre extremos!

PENSAMENTOS ADICIONAIS SOBRE O DIÁLOGO SOCRÁTICO COMO EXPERIMENTO EM FILOSOFIA

Em todo caso, no começo dessa história, a produção de diálogos filosóficos em que acontece de Sócrates ser retratado com bastante cuidado “como” Sócrates, com sua particular tendência a controlar a conversa, efetivamente substituiu a produção de tratados tradicionais por algo em que freqüentemente falta uma característica determinante de tratados – isto é, um corpo de doutrinas, abertamente mantidas pelo autor – e longe de ser explícito em suas alegações. De fato, em muitos de seus diálogos (especialmente, mas não somente, nos aporéticos), Platão não mostra vergonha nem hesitação em estabelecer trocas abertas, onde as conclusões a que chegam os interlocutores têm claramente a intenção de serem apenas provisórias, e adequadas para elaboração e desenvolvimento através de investigação ulterior; elas são, falando estritamente, incapazes de levar os leitores a uma conclusão firme sobre o(s) ponto(s) tratado(s) no curso do diálogo em questão. Também Xenofonte apresenta pequenas porções de diálogo em que o tema da conversa permanece “inexpresso” ou difícil de se detectar, como em *Mem. IV 2* e alhures. Quanto ao que temos de outros autores e em muitos diálogos socráticos anônimos, estes, em contraste, pouco fazem para ajudar-nos a decidir quão difundida foi de fato a adoção do diálogo “aberto”.

Como sugerimos acima, o diálogo “aberto” bem poderia ter apresentado um grande desafio aos leitores, já que sua maioria estava acostumada a ler (ou a participar de declamações públicas de) tratados e, portanto, quando diante de um diálogo de caráter ostensivamente filosófico, poderiam razoavelmente ter esperado encontrar uma doutrina nele incorporada e claramente visada a dele emergir. Assim, uma vez que nenhum corpo explícito de doutrina emergisse de um dado diálogo, os leitores bem poderiam se sentir embaraçados e convocados, talvez, a tratá-los não como científicos ou filosóficos, mas, ao invés disso, como leituras ou notícias “a respeito” de Sócrates, e simples formas de entretenimento intelectual. Pior

¹⁹ Este é mesmo o caso, se Platão é freqüentemente cuidadoso em evitar preservar distância das teorias sustentadas por seus principais personagens.

ainda, ao encontrarem, não alguma doutrina precisa que pudesse ser tomada como confiável, e possivelmente como um avanço sobre outras teorias, mas simplesmente uma série de rumações, cada uma servindo como mero degrau em direção a um melhor levantamento do assunto em questão, bem poderiam ter começado a pensar que estavam examinando algo possivelmente inacabado.

Um problema adicional emerge quando se considera que a forma do diálogo aberto deixa aos autores apenas escassas oportunidades de explicar seu tipo especial de anomalia. Assim, precisamos levantar a questão: quais técnicas poderia ter inventado Platão (e possivelmente outros socráticos) de modo a garantir um entendimento e uma avaliação mais apurados desses diálogos? Eles poderiam, para começar, ter tomado como axiomático que, se Sócrates realmente fez filosofia dessa maneira, então eles estavam totalmente autorizados a apresentar tal discussão “aberta” como um modo pertinente de fazer filosofia. Ou, que nesse tipo de diálogo o leitor com bom discernimento deveria ir bem além do dado, e buscar conclusões que estavam longe de terem sido completamente explicitadas.

Outra alternativa é que eles tenham propositalmente deixado os leitores a si mesmos, na esperança de que eles viessem a perceber por si próprios que um diálogo aberto tem “valor agregado”, no que ele é rico, estimulante, provocativo e instrutivo precisamente “por causa” da falta de uma conclusão ou lição definitiva. Ou seu objetivo teria sido o de mostrar que a filosofia é mais uma atividade intelectual do que um ato de aprendizado, e que o diálogo escrito pode apenas sugerir os primeiros passos de uma investigação que será levada adiante em um contexto outro que o da mera leitura. Seja lá o que tenham feito para prevenir o mal entendimento de suas intenções, os socráticos de alguma forma foram bem-sucedidos, ainda que apenas por um período, em persuadir um bom número de leitores de que a maneira deles de filosofar era, não apenas uma maneira legítima, mas mesmo uma maneira melhor do que as passadas.

Como resultado, emergiu como possibilidade uma concepção de filosofia completamente nova (isto é, de filosofia como um processo de questionamento, ao invés do oferecimento de respostas tranquilizadoras a questões), ainda que não se tenha desenvolvido numa postura filosófica consciente. Do modo como as coisas se passaram, acabou voltando a “antiga” fórmula (a dos tratados, ou em todo caso a de uma forma de comunicação menos filtrada), e em um espaço de umas poucas décadas mais uma vez tornou-se o padrão. A temporada do diálogo socrático “totalmente aberto” foi bastante curta.

Nesta visão dos eventos, no entanto, algumas bruscas descontinuidades vieram à luz, especialmente dentro do conjunto de diálogos genuinamente platônicos; a imagem do período como um todo tornou-se um pouco mais radicalizada; Sócrates recupera uma identidade básica muitas vezes tida como definitivamente perdida; e uma abordagem holística da literatura socrática primigênia prova-se instrutiva e merecedora de investigações adicionais.

[recebido em julho de 2005]

Tradução de Bruno Conte

E-mail: bruno@brunoc.com.br

REFERÊNCIAS²⁰

PLATONE. *Eutifrone*, a cura di L. R. Roma: Armando, 1995.

ROSSETTI, L. Le dialogue socratique *in statu nascendi*. *Philosophie Antique*, I, 2001. pp. 11-35.

_____. Plato on the Pre-Socratics. In: GRACIA, J. & YU, J. (eds.). *Uses and abuses of the classics*. Aldershot & Burlington VT: Ashgate, 2004a. pp. 11-35.

_____. The *Sokratikoi Logoi* as a Litterary Barrier. Toward the Identification of a Standard Socrates Throught Them. In: KARASMANIS, V. (ed.). *Socrates 2004 years Since His Death*. Athens: ECCD, 2004b. pp. 81-94.

_____. Le contexte littéraire dans le quel Platon a écrit. In: FATTAL, M. (ed.) *La philosophie de Platon 2*. Paris: L'Harmattan, 2005. pp. 51-80.

²⁰ Como foi explicado na nota 3, nenhuma referência sistemática à literatura erudita foi introduzida neste artigo, com única exceção de DIXSAUT, M. & BRANCACCI, A. (eds.). *Platon, source des Présocratiques*. Paris: Vrin, 2002. VEGETTI 2004, i. é PLATONE. *Repubblica Livro XI, Lettera XIV. Socrate incontra Marx, lo Straniero di Treviri*. Autentico falso di Mario Vegetti. Napoli: Guida, 2004, é fruto da imaginação, mas de uma imaginação dirigida por vasta competência como estudioso. Um livro e alguns artigos meus foram citados para sustentar certos pontos que foram tratados aqui apenas de modo sumário.